



# VÍRUS

TECNOLÓGICO:  
UMA FORMA  
ROMÂNTICA DE  
VER O DNA E A  
INTELIGÊNCIA  
ARTIFICIAL NUM  
TEATRO COMERCIAL

*Antoine* CANARY-WHARF

2080

*Antoine Canary-Wharf*

Registo n° 349/2020 SIIGAC/2020/843 DATA: 2020.02.14

**JUPITER EDITIONS®**

Print Your **Heart** with Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva  
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no  
dia 25 de outubro de 2019 e foi  
registada no dia 14 de fevereiro de  
2020.**

A 1ªOrdem de Impressão da 1ªEdição 2080 de Antoine Canary-Wharf tem 960 páginas

**Se neste momento, por algum  
motivo, não puder comprar o livro  
do autor, a Jupiter Editions sugere  
que faça um donativo ao autor para  
o IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

# A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions. A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

© Jupiter Editions

## Siga o autor @antoinecanarywharf

— (...) Quando “se disse” às pessoas para ficarem em casa entre as 23h e as 6h da manhã, num “recolher obrigatório”, começou a achar-se boa ideia fazer a vigilância deste “recolher obrigatório” com drones que denunciariam qualquer fantasma que se atrevesse a atravessar a cidade-fantasma de madrugada... [...] Para mim, foi uma medida de loucos! Ainda por cima, fantasma como sempre fui, sem razão nenhuma, ver a minha liberdade a ser-me asfiziada, por causa de um vírus “que não andava no ar”... Foi de loucos! [...] Havia exceções no “recolher obrigatório” como um passeio de meia hora até 500 metros da casa. Sei lá se eram 500 ou 250 ou 100... Já não me lembro o que dizia o decreto que fez disto uma lei... [...] É claro que se nem em 2080, mesmo com o vírus cósmico, a polícia não anda a monitorizar ninguém no tempo dos seus passeios, também era muito importante que não o fizesse em 2020. O facto de eu saber que estava em Portugal e saber que havia uma Constituição, ainda que não fosse tecnológica, tranquilizava-me, porque eu sabia que o decreto podia falar em metros ou em horas, que a polícia mesmo que me perguntasse há quantas horas e metros eu estava a caminhar, poderia sempre mentir e era muito importante eu poder mentir à polícia, sobre o tempo que estava a caminhar ou sobre os percursos que eu costumava fazer! Mas quando vi a polícia em 2021 a pedir os cartões de cidadão para ver as moradas com novas aplicações que calculavam instantaneamente a quantos metros é que eu estava de casa e se estava a violar ou não o decreto, eu comecei a assustar-me um bocado... [...] A polícia parecia, de repente, uma polícia médica militar num tom completamente altivo e exagerado, saído de uma ficção científica como se estivéssemos perante um vírus que só de tocarmos uns nos outros começávamos a ficar com uma mutação gigante que se espalhava visivelmente pelo nosso corpo... [...] Enfim!... Um exagero! Um exagerado apocalipse! [...] E se me

apetecesse caminhar durante 3 horas??? [...] Numa cidade cheia de robots especados às janelas a ver quem é quem passava para perseguirem de drone pelas próprias mãos ou para telefonarem à polícia a denunciar? [...] Os humanos são tão estúpidos!... Conseguiram fazer dos humanos verdadeiros robots, verdadeiros instrumentos, verdadeiros algoritmos... [...] Passei um grande filme de terror governado e administrado por drones... [...] Isto hoje aqui é uma paz... Porque eu comprei este pedaço de terra. E comprei os direitos aéreos. Não pode haver aqui drones a sobrevoarem-nos. Como tive de comprar o Jardim dos Idílicos. Como tive de comprar a Montanha Jupiter para proteger para sempre o *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Comprei, mandei por grandes portões de ferro e mandei abri-los. Os portões não têm hora nenhuma para fechar. Os portões estão sempre abertos. Para todos. Todos podem entrar, todos podem ver a vista, porque todos têm direito à vista. (...) Para entrar, basta ler o regulamento. A leitura do regulamento é obrigatória. É a única imposição. E o regulamento só diz para não fazerem lixo, que o voo de drone é proibido, exceto para filmagens comerciais que têm de ser legalmente requeridas e devidamente autorizadas e que é proibido o uso do telefone, porque estamos num monumento natural. Hoje, em 2080 nenhum drone nos pode aqui sobrevoar. Mas, em 2020 fui aqui sobrevoado por um drone. Foi horrível! Tinha vindo para aqui escrever. Estava com um dos meus cadernos tecnológicos a escrever sobre drones e sobre o que eu poderia fazer para me defender perante um drone. E apareceu um drone. Foi horrível! Se hoje ainda sobrevoassem aqui drones não tínhamos este cerco de abelhas, este cerco de borboletas, este cerco de andorinhas, não tínhamos nada disto a cercar-nos senão drones. Eu tinha de proteger isto! Tive de comprar isto para hoje podermos estar aqui. Assim que esta encosta ficou à venda, eu sabia que tinha de comprar. Tive de comprar, não havia outra hipótese! (...) Alguém tinha de pagar esse preço... E eu paguei... Se eu não comprasse esta pequena encosta, alguém acabaria por comprar e fechar isto! Aquilo que era acessível a todos, deixaria de o ser! E esse

alguém, talvez cortasse todo este verde à nossa volta, talvez cortasse estas oliveiras atrás de nós... Estas oliveiras presenciaram tudo. Foram elas que esconderam o meu namoro com o Jakob, (...) O Jakob e a Sarah foram depois viver com a mãe deles para a Costa de Caparica. E eu, enquanto estava aqui a escrever numa altura que era proibida, porque tinha sido declarado o Estado de Emergência, por causa de um vírus tecnológico, ouvi um zumbido-drone e comecei logo a olhar para o céu. Vi a importância dos drones não serem silenciosos. Se os drones fossem silenciosos não teria conseguido ouvir esse drone. A primeira coisa que eu pensei foi que o drone poderia ser um drone-polícia, porque estávamos num Estado de Emergência em que a polícia andava na rua a dizer às pessoas para não saírem de casa por causa do vírus (...) e estávamos numa altura em que eu sabia que a Comissão Nacional da Proteção de Dados tinha dado luz verde aos drones-polícia... (...) E o Jakob, como sempre, foi a minha Internet das Coisas e em menos de um minuto devolveu-me logo a chamada, à realidade, a dizer que o drone não era da polícia, porque a Polícia (...) não tinha drones. “Já viste esta merda Jakob? E se tivéssemos aqui os 2 (...)?” Já viste a facilidade de nos filmarem e entregarem-nos à (...) polícia por estarmos aqui (...)? Já viste a facilidade de me publicarem na *Rede* e dizerem que eu estou aqui e não estou onde devia estar, que era em casa? Já viste a *Rede* a funcionar? Já viste a *Rede* a odiar-me? Só porque estou aqui a escrever?” Lembro-me de gritar estas perguntas ao Jakob que calmamente me ouvia a olhar certamente para a calma do mar tecnológico, da janela do seu quarto, na Costa de Caparica... E é claro que debruçado sobre o mar tecnológico, mesmo em toda a sua calma, o Jakob sabia tão bem como eu que este drone alterou toda a história! Ele sabia que a minha fantasia se tinha tornado verdadeira. E eu via o meu stress-fantasia a tornar-se num stress-real! Ora, alguém já sabia que eu vinha para esta encosta escrever... E se o Jakob estivesse lá comigo, o nosso namoro às escondidas teria sido simplesmente levantado num segundo e alguém já saberia que nós éramos namorados e que era para aqui onde vínhamos namorar... Mas eu não sabia quem é que sabia que



eu vinha para aqui. Esta era a primeira desvantagem. A primeira desigualdade de armas. Não era justo! Isto não podia ser justo! (...) O Jakob dizia sempre que estávamos a ser filmados com binóculos (...) Dizia sempre a brincar que era um dos Anjos Tecnológicos d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, (...) Dizia-me sempre que não era nenhum dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e que não me precisava de me preocupar (...) E era assim que o Jakob me instalava sempre uma sofisticada *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Com o Jakob, ele até poderia ser um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e o nosso namoro ser um produto cinematográfico (...) que ainda assim, com o Jakob, eu seria sempre feliz e aceitaria sempre aquele contrato de namoro! (...) As oliveiras encobriam o nosso namoro. As oliveiras eram o nosso Direito. O Direito encobre a Economia. O nosso namoro era mais económico do que nós pensávamos. O nosso namoro era mais valioso daquilo que nós imaginávamos. Havia um sistema que nos queria ver a namorar. Havia um mercado que queria acompanhar o bater do nosso coração. Que queria ouvir de perto como batiam os nossos corações cada vez que encostávamos o peito um no outro. Quando nós somos inteligentes e vemos as coisas...

— Uuuu... Vai começar o típico narcisismo do meu pai: prepara-te Thomas!

(...)

— Shiuuu! (...) Não ouviu o que o seu marido disse?! Não interrompa o seu pai! Não me interrompa!

— Ainda não somos marido e marido...

— (...) Para o Sistema Perfeito podem ainda não ser marido e marido, mas para mim, é como se fossem! Vocês são marido e marido! Até vejo as vossas alianças nesses vossos musculados pulsos...

— Não se chamam alianças, querido pai, chamam-se relógios...

— Mas esses relógios são as vossas alianças... (...) Vocês devem ser os únicos super-humanos de 2080 que não têm um wearable e insistem nesses bonitos e clássicos relógios... Porque é que não têm um wearable como todos os outros super-humanos? Vocês fazem-me rir...

— Não temos um wearable no pulso, mas sim estes bonitos e clássicos relógios, que são as nossas alianças, segundo o pai, provavelmente pela mesma razão que o pai...

— Oh! Mas eu não nenhum super-humano... E qual é a minha razão?

— O pai não quer que nenhum hacker, nem nenhum informático, seja ele robot ou humano, do Sistema Perfeito conheça o seu coraçãozinho...

— Ah! Disparate! Não é nada por isso... Simplesmente não acho piada...

— Conheço muito bem a sua *Paranóide Tecnológica* e a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari... Sei que tudo o que sejam tecnologias que interajam com o sistema nervoso do pai, dão-lhe uma camada de nervos... Deixam-no nervosíssimo; o seu coração dispara, o wearable denuncia-o, o Sistema Perfeito descobre... O Banco descobre... Lá se vai menos um crédito...

— O quê? Acha que eu tenho medo da Medicina de Precisão? Fui eu que a inventei!

— Claro... O que vale é que o pai inventou tudo... Até pode ter inventado a Medicina de Precisão e pode não ter medo da Medicina de Precisão... Mas tem medo da Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina... [...] Ou vai dizer que também inventou o Sistema Nacional de Medicina?

— Não fui eu que o inventei, mas também não tenho medo...

— O tio Antoine não tem seguro?

— Tenho, meu querido Thomas... É só o seu marido a querer fazer piadas de Direito da Saúde... A Medicina de Precisão apareceu com a ideia de que cada um de nós possui características moleculares diferentes e que estas diferenças entre nós, numa sorte molecular, numa sorte química, numa sorte espiritual química das coisas, vai ver cada um dos nossos corpos a reagir de forma diferente ao meio. A Medicina de Precisão ao ver o nosso DNA, ao inspecioná-lo, prometia escolher os fármacos, não a pensar na doença, mas no doente. E isto fazia todo o sentido, isto era a Medicina de Precisão pura, quando ela nasceu. Por exemplo, algumas vacinas podem funcionar numa pessoa, mas noutras não. [...] Lembro-me perfeitamente em 2020 quando começaram a experimentar as primeiras vacinas para dar cabo do vírus... Mas depressa vimos que nalgumas pessoas poderia não surtir qualquer efeito... [...] A ideia da Medicina de Precisão era ver-se a bioquímica que havia no DNA, isto numa forma romântica de se ver o DNA... Mas a Medicina de Precisão tomou outro romance, outro amor, outro corpo, outro rumo, outra tecnologia, outra economia... Não me quero gabar, mas eu já sabia o que ia acontecer... [...] Sabia que o que estava na agenda da Medicina de Precisão era a implementação de nanorobots pelo corpo todo. [...] No fundo, o conjunto desses nanorobots eram o chip. [...] Era isso que era o chip. Como em 2020 os telefones eram os chips. (...) A ver tudo isto, era claro que tinha de ter seguro. Eu já nasci com chips, Thomas. Eu nasci

na Era dos Chips. Acha que eu ia querer meter mais chips no meu corpo? Ainda por cima, chips do Sistema Nacional de Medicina??? Era o que mais faltava! Claro, que tenho seguro! E claro que não tenho wearable vestido nenhum no pulso ou metido na cara. [...] Os smartwatches, os smartglasses e as smartbrands são os wearables do meu tempo... [...] Ter um smartglass é a mesma coisa que ter os olhos chipados. Os primeiros que apareceram, ainda, eram só uns “óculos de realidade virtual aumentada”... Parece que a encomenda d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tinha chegado muito mais cedo À *Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, à Terra. (...)

(...) Os psicólogos andavam nas nuvens com isto, era uma nova tecnologia, e assim que viam (...) que os seus pacientes tinham passado a praia toda agarrados ao telefone ou ao tablet ou simplesmente com os smartglass metidos na cara, era óbvio que eles já sabiam a resposta daquelas depressões de verão. Mas os smartglass foram muito mais longe. Isto foi uma experiência tecnológica de verão. (...)

(...) Até que o Direito Tecnológico veio pôr cobre a isso, porque os smartglass começaram a ficar cada vez mais smart e já era possível olhar-se para uma pessoa com os smartglass e os smartglass decodificarem as micro expressões faciais. [...] Por exemplo, com toda a gente ligada através da Internet das Coisas, eu podia passar muito perto de alguém na praia de tronco nu, excitar essa pessoa e receber uma informação virtual nos meus smartglass a dizer que tinha excitado, com um algoritmo a recomendar-me que voltasse para trás, para ouvir, com o algoritmo, o espetacular bater do coração tecnológico que se tinha conectado à minha tecnologia. Porque o algoritmo queria ouvir. O algoritmo queria ouvir e ir a correr depositar esta informação ao Sistema Nacional de Medicina... Às tantas, já não se sabia o que é que era na verdade o Sistema Nacional de Medicina... Como o Direito, começou a meter-se em tudo... Nos namoros, nos casamentos, nos assuntos do banco, no crédito... [...] Enfim!

— Eu não fazia ideia de que existiam esses wearables...

— Sobreviveram muito pouco tempo, Thomas... Já não existem. [...] É verdade que o Direito e a Psicologia andavam nas nuvens (...) mas lá acordaram nas nuvens com os anjos tecnológicos d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, que devolveram o Direito e a Psicologia à Terra. (...) Mas isto, só os tecnológicos é que conseguiam ver... Para ver todas estas nuvens de dados de pensamento, era preciso vestir uma tecnologia destas. E só quando o Direito e a Psicologia vestiram estas tecnologias é que tomaram uma posição sobre o assunto. Mas até lá, os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke aproveitaram o trote e o galope tecnológico e galoparam com todas estas novas tecnologias. [...] Esses wearables apareceram numa altura em que não havia legislação que proibissem certas tecnologias e certos mercados tecnológicos. Mas depois o Direito Tecnológico veio interromper todo esse circuito de dados e esses *hackeamentos* ao espírito e à mente completamente ilícitos, completamente criminosos. Foram estes os wearables do meu tempo... Agora, até um drone já é considerado um wearable, porque agora vê-se toda a gente a andar com drones atrás delas o dia inteiro que permanentemente atravessam o espírito e veem em tempo real a mudança da cor e do calor do corpo, dizendo logo em tempo real ao Sistema Nacional de Medicina se se infetaram com vírus. Isto hoje já nada me espanta, (...) por causa do vírus, imensas foram as câmaras que se espalharam por todo o lado com detetor de calor... E essas câmaras ligadas aos telefones e às aplicações fizeram avançar a Internet das Coisas. Nós entrávamos num restaurante e se tivéssemos febre e a câmara detetasse a febre através do calor, comunicava numa Internet das Coisas com o restaurante dizendo que não podíamos entrar. Antigamente, não vinham autómatos *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, a buscarem-nos à porta do restaurante ou do supermercado para nos levarem obrigatoriamente para o hospital. Mas hoje, já há... Quem não tem seguro é simplesmente levado... O sistema está tão automatizado e tão

robotizado que parece que é normal vermos pessoas sem seguro a serem levadas pelo Sistema Nacional de Medicina... Mas não é normal!!! E o simples Direito de Não Querer Ser Levado Por Um Robot? Não existe?

— Bom... Nunca tinha pensado nesse Direito, pai...

— Pense! É você que está agora na arena! Passei-lhe o testemunho. Eu já estou velho! Não tenho paciência, (...) para inventar novos direitos e lutar por eles... O Direito sempre foi uma invenção! O Direito é a maior invenção de todas! E por ser uma invenção, podemos inventar os direitos que quisermos. Mas há direitos que não podem sobreviver, porque há direitos que vêm de pensamentos de cabeças ocas, perversas e inimigas a tudo e a si próprio. São como polvos, são canibais. Há direitos canibais???? Se há direitos canibais, há direitos que merecem ser inventados para se poder aniquilar este canibalismo. O homem inventou a máquina. Pôs um cérebro dentro da máquina. Transplantou-lhe um cérebro. A máquina, com um cérebro, tornou-se uma Inteligência Artificial. E o alimento desta Inteligência Artificial são os dados. Ela alimenta-se de dados. A Inteligência Artificial é infinita. (...) Com a tecnologia, podemos chegar a todo o lado. Com os wearables conectados a uma Inteligência Artificial, podemos chegar a todo o lado. (...). Os wearables também funcionam como chips. São a mesma coisa. Como os telefones são autênticos chips! Mas isto, foi tudo muito subtil... Foi tudo muito bem montando pelo vírus tecnológico...

— Pelo vírus tecnológico, tio?

— Sim, Thomas! Pelo vírus tecnológico... Pelo vírus tecnológico que se instalou em todos os organismos, exceto...

— Deixe-me adivinhar, pai... Em todos, exceto no seu...?

— E no seu! (...) Porque é que acha que conseguiu escapar à Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina? Porque teve um pai que lhe pagou o seguro! Que lhe pagou a liberdade! Que pagou para não lhe instalarem nanorobots pelo corpo todo! Ainda por cima, nanorobots ligados à Internet das Coisas... Mas o meu pai, a mim não me pagava seguro nenhum! E como eu sabia que o meu pai não me ia pagar seguro nenhum, porque por ele bem que me podiam instalar os chips que quisessem que ele deixava e ficava a ver no computador a atividade do meu cérebro, eu tive de me fazer à vida... Eu vi em 2020 bancos de investimento a financiarem máquinas para verem a atividade do cérebro e lerem os pensamentos do cérebro... Mas vi isto, porque andava nos sítios certos. Não andava a ver os filmes e fantasias dos outros... Porque os filmes e as fantasias dos outros baseavam-se na realidade... E com os olhos postos na realidade, vi a construção de todas as tecnologias, de todos os algoritmos, de todas as fantasias (...)... E se eu vi os outros a montarem as fantasias deles que iam dar cabo do meu organismo, do meu sistema imunitário, das minhas defesas, do meu sistema, do meu cérebro, é claro que tive de começar também a erguer todas as minhas fantasias que eu também vinha a montar. Porque eu também montava fantasias. Eu também sabia como as montar. Montei e ergui tudo do zero... Fiz tudo com o meu espírito! Com o meu e com o do Jakob! Aconteceu tudo muito rápido. Foi tudo muito rápido. [...] Eu tive de me comportar também como um vírus tecnológico. [...] Tive de me tornar ainda mais viral do que o vírus tecnológico. [...] O vírus tecnológico queria tudo preso à tecnologia. Queria tudo agarrado à tecnologia. E não é que conseguiu? O vírus de 2020 foi um vírus tecnológico! Prendeu tudo aos écrans! [...]

— E quem é que encomendou o vírus, tio? Se o vírus era tecnológico e se o homem é que inventou a tecnologia...

— Sabe, Thomas... A Natureza é mais tecnológica daquilo que nós fazemos ideia...! Toda a Internet que existe na raiz das árvores...

Sabe... Toda a Internet que existe na nossa cabeça sem computadores ou telefones... Nós somos computadores! Nós somos Internet! Nós somos tecnologia! Há uma poderosa tecnologia no ar! Há uma verdadeira energia! E só de falarmos dela, arrepiamo-nos logo e sentimo-la a interagir com o nosso corpo e a interferir com a nossa mente. Vemos o nosso espírito a responder-lhe, não é? A Organização Mundial da Saúde disse que o vírus tinha vindo encomendado pela Natureza... E eu sempre fui cego pela Organização Mundial da Saúde. O meu maior referencial sempre foi a Organização Mundial da Saúde! Não podia ter outro referencial!...

— E por isso, o tio sempre acreditou que o vírus tecnológico tivesse vindo da Natureza e não de um laboratório tecnológico?

— Sim. A Natureza estava cansada de nós, sabe? Cansada da nossa economia... Ela queria outros no poder, queria outros na economia, ela queria dizimar economias perversas... E conseguiu! Ela queria que nascessem novas economias, novas empresas, mais empáticas, sustentáveis e humanas... E conseguiu! Antes de querermos acreditar nas nossas fantasias, temos de primeiro acreditar na nossa realidade. E só a ciência é que nos pode devolver à nossa realidade. Se largarmos as mãos da ciência, perdemos a realidade e perdemos as nossas fantasias. O Jakob era a minha ciência. E eu andava de mãos dadas com o Jakob para todo o lado. Nós só conseguimos chegar às nossas fantasias, se primeiro chegarmos à nossa realidade. Porque as nossas fantasias, dependem do conhecimento que tivermos da realidade. Quem pode suportar as nossas fantasias é a realidade. [...] É verdade que havia uma agenda em cima da mesa e que satélites estavam constantemente a ser lançados para tornar possível a Internet das Coisas... [...] Em cima da mesa, havia um pacote de 45 mil satélites só de uma empresa... Só de uma empresa americana... E perante isto, acham que a China ia querer perder a corrida tecnológica? Quando quem tinha começado a corrida tinha sido a China? A China já tinha



dado um avanço a todas as economias com os seus poderosos algoritmos, com a sua sofisticada tecnologia, com os seus softwares... Já tinha câmaras instaladas em todo o lado... Londres, foi a primeira a instalar as câmaras por todo o lado... Londres era considerada um dos países mais vigiados... Mas, as câmaras de Londres não faziam mal... Não nos reputavam... Não nos pontuavam... Mas as câmaras da China que nos reputavam e nos pontuavam, prendiam-nos para sempre ao sistema informático... Primeiro, isto foi visto como aberrante, como contrário a todos os direitos fundamentais... E primeiro, a China parecia um país tecnologicamente extraterrestre... Em 2018, a China parecia Marte quando apareceu com o seu sistema de pontuação social... Só que de repente, todos começaram a querer também descolar para Marte... E a China e Marte deixaram de ser extraterrestres... Todos começaram a ficar hipnotizados pela tecnologia... Foi um vírus tecnológico que se instalou em todos os cérebros humanos. [...] Os cérebros humanos são autênticos sistemas informáticos, são autênticos computadores... Ora, os computadores foram infetados com o vírus! Não foi o vírus de 2020 o responsável por ter deixado toda a espécie humana agarrada aos telefones, porque em 2019 até na praia, já se via tudo agarrado aos telefones... Um espetáculo tecnológico obrigatório para se ver... Na praia, veja-se bem...! Na praia... Imagine-se, então, fora da praia não é?!... Não foi o vírus o responsável por deixar tudo agarrado aos telefones... Mas foi o vírus de 2020 o responsável por ter mandado toda a espécie humana para dentro dos écrans... [...] Sabe o que é um vírus até mexer com o Direito do Trabalho, até mexer com o Regulamento de Avaliação de uma faculdade de Direito? Foi o que aconteceu! Um vírus que obriga todos a irem parar dentro de uma nuvem, a irem parar dentro de uma aplicação, a irem parar ao mundo virtual é um vírus tecnológico! E engraçado, porque era justamente o que estava em cima da mesa... Era o que fazia parte da agenda de alguns governos, alguns grupos parlamentares e alguns grupos de empresas... Porque o que estava em cima da mesa, eram os dados. O que se queria, era dar dados a uma

Inteligência Artificial. O que se queria, era dar o máximo de dados ao Big Data. O que se queria, era mandar a todos para o Big Data... O que se queria, era alimentar uma Inteligência Artificial... Porque o vírus tecnológico, a febre tecnológica, tinha sido instalada. Foi assim instalada. Ora, aparecer um vírus tecnológico que obrigava todos os trabalhadores a terem de estar em teletrabalho e que obrigava todos os alunos a terem de estar em telescola, permanentemente ligados à Internet, permanentemente conectados ao mundo virtual, era aquilo que se queria... E por isso, para o mercado de dados, este vírus tecnológico até tinha calhado bem. Porque conseguiu acelerar tudo! As pessoas de tão presas que estavam aos ecrãs começaram a fazer aquilo que se queria... A exporem-se completamente... A desligarem-se completamente da noção da sua privacidade e da sua intimidade e começaram a publicar tudo, como se tudo valesse, como se não tivessem nada a perder, nada a proteger, nada a esconder... As publicidades que passavam na TV também “incentivavam” a isso... Eram publicidades que diziam permanentemente que estávamos todos ligados, todos conectados, enfim... (...) A publicidade sempre teve um impacto muito grande nas mentes e nos cérebros mais vulneráveis... É só passar uma coisa na TV, que as pessoas de verem ou ouvirem começam a fazer exatamente aquilo que se passa na TV... É por isso que, haver um tempo de antena obrigatório para publicidades institucionais e um regulador da publicidade é muito importante como defendem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy... O problema é que os reguladores e as instituições não são programas de computador nem robots com algoritmos inseridos por um humano empático, inteligente emocionalmente e verdadeiramente humano... Por detrás dos reguladores e das instituições há um cérebro humano. E se o cérebro humano por detrás disso for um cérebro perverso, demente ou doente, acabamos todos por ser chipados, com os nossos namorados ao nosso lado, mediados por uma tecnologia qualquer... Deixar uma tecnologia mediar os nossos namoros, casamentos e amizades? Deixar um algoritmo analisar os nossos namoros, casamentos e amizades?

Deixar uma câmara ver a análise dessa medição e dessa análise? [...] O vírus rompeu com tudo... Não foi só com a economia... Foi com amizades, casamentos... Os cafés virtuais reais deram lugar a cafés virtuais a partir de casa... Já não era só o trabalho obrigatório a partir de casa, foram também os cafés virtuais a partir de casa que tinham o bonito nome tecnológico de “grupo de visualização”. Era ridículo! Deprimente! As pessoas apareciam todas aos quadradinhos no ecrã... Mostravam tudo... Mostravam os seus quartos desarrumados, mostravam as suas humildes salas, mostravam as suas cozinhas gordurosas, mostravam as paredes cheias de humidade com a tinta a partir-se, mostravam a confusão das suas casas, mostravam as discussões com os seus maridos e filhos, enfim... Entregavam as suas famílias disfuncionais à Psicologia e ao Big Data... Suicidavam assim a sua intimidade em “grupos de visualização”...

— O tio andava nesses grupos de visualização?

— Claro que não, Thomas! Não precisava de lá andar para saber o que lá se passava... Estamos numa sociedade de informação tecnológica. Conta-se tudo num segundo tecnológico. Em 2019 já víamos os grupos de amigos agarrados ao telefone na mesa do café. Claro que na minha mesa isso não existia e de fora ridicularizávamos todos os grupos tecnológicos à nossa volta; e sem querermos, o nosso gozo tornava-se um gozo tecnológico, porque sem querermos, íamos parar também nós ao Big Data, fosse através dos microfones dos telefones deles, sempre ligados à Internet, fosse através das 5 câmaras, que mais pareciam olhos, dos telefones deles sempre ligados à Internet que de uma maneira ou outra nos capturavam a felicidade, nos novos cafés virtuais, virtuais para toda a gente, mas reais para mim! (...) O Jakob estava preso na Costa de Caparica, não podia sair de lá. (...) Ficámos completamente separados. As ruas estavam bloqueadas (...) O Jakob estava com a morada da Costa de Caparica, com uma bela praia bloqueada, gradeada. O Jakob que ia todos os dias fazer surf para a

praia, simplesmente não podia. Foi-lhe tirada a praia. A ele e aos outros que iam nadar, que iam caminhar ou simplesmente dormir ao sol na praia. Ou “meditar”. Porque é um verdadeiro direito eu poder dormir ao sol na praia! E não é um vírus tecnológico que pode configurar as mentes que governam um país e de repente bloquearem inconstitucionalmente as praias ou as montanhas. Porque foi uma medida inconstitucional! Mas qual é o mal de eu (...) ir para uma praia deserta ou quase deserta, ou mesmo que tenha gente, qual é o mal de eu estar numa praia com um certo distanciamento social? A não ser que eu andasse a espirrar ou a tossir para cima das pessoas na praia eu poderia infectar alguém! E ninguém anda em cima de ninguém na praia! Muito menos numa praia portuguesa com extensões e extensões de areal! Para ser franco, muito franco, parece que nem tenho forças para descrever o que se passou! Custa-me dizer isto, mas o sistema deu cabo da minha intelectualidade. Não tenho nem prazer, nem capacidade para denunciar isto! Foi surreal demais terem “fechado” as praias. Praias fechadas pelo governo? Confinamentos obrigatórios pelo governo? (...) O governo não tinha de andar a fechar as praias, coisa nenhuma! Quer dizer, se lhe apetecesse fechar durante 1 ano, ficávamos sem praia durante 1 ano, não? E depois se lhe apetecesse vender a praia, ficávamos definitivamente sem praia, não? A praia é uma formação natural causada por fenómenos naturais como o mar, o vento, a erosão, a sedimentação, tudo processos que a Natureza “se lembrou” de fazer com as suas mãozinhas para nós... E depois vem um governo qualquer tirar-nos aquilo que a Natureza nos deu? [...] O que o governo tinha de fazer, era dizer “quando for à praia e se cruzar com alguém mantenha a boca fechada e não espirre ou não tussa para cima desse alguém, ponto final, parágrafo.” [...] Depois, quando as praias reabriram vieram os torniquets virtuais e as aplicações que as pessoas tinham de descarregar e ter nos telefones para entrarem nas praias... [...] Mas o governo estava a gozar com as nossas caras ou quê? E o Direito? Também parecia que estava a gozar connosco! Então, mas eu que não queria sair de casa com o meu telefone, porque ia para a praia e na praia

simplesmente não se usa telefone, porque o que é normal é não se usar o telefone na praia, tinha agora um governo que me obrigava a ir com o telefone para a praia e tinha o Direito que deixava um governo obrigar-me a isto? É porque o Direito se passou! O Direito passou-se! Deixou de prestar! (...) Tornou-se [n]uma mentira! A minha liberdade, afinal, tornou-se [n]uma mentira! [...] Agora, para ir para a praia eu tinha de ir com o telefone?! Isto era de rir! Isto foi um tirar os olhos às pessoas. Mas as pessoas não têm olhos? Não conseguem chegar a uma praia, ver que está lotada e ir para outra? Nós estamos a falar de Portugal. Portugal tem quilómetros de extensão de praia. É praias que nunca mais acabam! É paraísos infinitos! As pessoas não conseguiam chegar a uma praia e ver um espaço e irem para esse espaço calmamente e outro grupo chegar e não ficar em cima do grupo que tinha chegado primeiro? Não conseguiam fazer isto? Só conseguiam fazer isto com os telefones? Os telefones também serviam agora de réguas? Não conseguiam fazer réguas invisíveis só com os olhos? Perderam a noção do espaço ou quê? Era preciso termos um governo em cima de nós? Uma polícia sempre em cima de nós? Eram preciso drones em cima de nós? Ainda por cima na praia????????????????????????????????????? Isto era aquilo que se escrevia em 2020 e era uma ficção científica de 2080. Muito francamente, nem sei como é que, com tudo a acontecer ao mesmo tempo, não tive um esgotamento cerebral. Porque havia uma urgência de denunciar tudo. De escrever sobre tudo. [...] Noutros países estavam a acontecer coisas bem piores. Era a China que instalava câmaras de vigilância em frente à casa das pessoas infetadas e eram os outros países a aplaudirem as medidas chinesas, era o México a colocarem como varredores de lixo nas ruas os jovens que não cumprissem o isolamento social e eram portugueses a aplaudirem as medidas mexicanas. E eu não sabia como descrever estes aplausos e estas medidas quando tinha mil e uma coisas para descrever. E eu, tinha de saber ligar tudo isto. E tinha de ligar tudo isto *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. E tinha de, ao mesmo tempo, ver e descrever os meus mundos paralelos. Porque estes jovens mexicanos podíamos ser

eu e o Jakob. Nós íamos os dois às escondidas para as montanhas. Eu ia para as montanhas escrever. Não tinha sempre um ambiente saudável em casa para escrever. Eu andava sempre a saltar de sítio em sítio para poder escrever. Só a Jupiter Editions é que me deu uma nova paz à minha escrita. Uma nova calma. Mas até lá, tive de ser tudo em stress. Tive sempre sob stress. E tive de escrever tudo sob stress. Já não era só o meu pai que me stressava, era também um governo. Em casa, o meu pai não me deixava escrever. E eu saía de casa para poder escrever. Mas depois tinha um governo que só me deixava sair de casa se fosse meia hora e tinha de ser para fazer exercício físico? Tive de escrever ao mesmo tempo que corria! Foi uma escrita stressante que eu entreguei à Jupiter Editions. Eu andei a escrever às escondidas. [...] Se eu fosse apanhado aos beijos com o Jakob na Montanha Jupiter pela polícia, talvez não nos acontecesse nada... Porque os polícias conheciam-nos. Mas talvez, se fosse noutra parte do país poderíamos ser detidos. E no México íamos varrer as ruas. Se eu fosse apanhado com o meu caderno tecnológico pela polícia, talvez tivesse de guardar o caderno e pedir desculpa e não poderia ser novamente apanhado a escrever, porque no decreto do Estado de Emergência não constava a permissão de se poder sair à rua para escrever, ou para meditar ou para fazer yoga. O yoga estava muito na moda. Mas ainda não tínhamos um Direito da Moda em 2020. E eu via que seria importante deixar tudo isto escrito. Porque há muitas formas de liberdade. Somos bilhões e todos nós temos necessidades diferentes. Pode apetecer-me simplesmente sair de casa e ir ver a praia de cima, num sítio sem ninguém, deitar-me e querer ficar por ali adormecido com o barulho das ondas e não querer ser acordado pela polícia a dizer que tenho de me levantar, porque vou ser detido, porque estou a desrespeitar um decreto qualquer. Porque para mim, um decreto que não tem o mínimo fundamento científico é um decreto qualquer. (...) E se a minha felicidade depender disto? Depender desta liberdade? De simplesmente poder caminhar sem horas? E se a minha caminhada não incluir nenhum telefone? Um governo obrigar-me a sair com o telefone de casa para caminhar?

Sabem o que é que aconteceu a seguir? O governo obrigou a ter o GPS ligado! E sabem o que é que aconteceu a seguir? O governo obrigou a termos a aplicação “Todos Ligados” no telefone! Sabem o que é que isto se chama? Um atentado à Constituição! É um crime governamental contra a Carta Fundamental dos Direitos Fundamentais, que é a Constituição! Não somos nós que temos de ser presos por um governo que nem sequer a Constituição previu que ele existisse! Que nem sequer a Constituição o legitima! E assim sendo, não é esse governo que nos pode prender, somos nós que temos de prender o governo! (...) É claro que, quem não conseguia ver a tecnologia do vírus, quem não tinha olhos tecnológicos e não conseguia ver como o vírus se propagava vinha logo contra mim quando me ouvia a dizer isto... Mas eu queria lá saber! Se eu andava sempre de mãos dadas com a Medicina, eu queria lá saber do que é que as pessoas andavam a ver e a ouvir. Podiam ver os mil e um vídeos que quisessem, ouvir os mil e um especialistas que quisessem, que isso significava zero em termos científicos. [...] E depois o governo ainda veio impor as “máscaras tecnológicas”? E depois veio impor os óculos de realidade virtual aumentada? Foi por isso, que precisámos mesmo de um Sistema Perfeito! As publicidades institucionais que o governo devia ter passado massivamente nas TV’s e nas redes sociais era de pessoas a espirrarem como deve de ser e a porem o cotovelo à frente, para espirramos todos em segurança e a não tocarmos em tudo o que era sítio. E cada vez que tocássemos, dizer às pessoas que lavassem as mãos com água e sabão (...). (...) Lembro-me de ver um polícia com um capacete de plástico, que tinha o nome de “viseiras”, numa altura em que a agenda verde que estava em cima da Europa era eliminar os plásticos de uma vez por todas, a conversar descontraidamente e que distraidamente se apoiou num poste de rua e sem se aperceber, levou a mão com que tinha segurado no poste por dentro da viseira ao nariz e o esfregou, provavelmente por uma comichão que teve no nariz. Ora, isto eu vi uma vez, mas se eu vi uma vez, quer dizer que a mesma imagem se repetiu milhões de vezes noutra parte do mundo. Somos milhões. É só multiplicarmos os nossos

pensamentos e as nossas ações. Aquilo que eu penso ou faço voluntaria ou involuntariamente, outra pessoa também o está a fazer noutra parte do mundo. Isto queria dizer que, as viseiras não eram eficientes. Tal como não eram as máscaras, que davam uma falsa sensação de segurança. O mais importante não eram as máscaras e o lixo e a economia que se fizeram com as máscaras e com o gel e com o álcool para as mãos, como se o álcool fosse para se andar a esfregar todos os segundos nas mãos! O mais importante era lavar as mãos com água e sabão sempre que se tocava numa nova superfície fora de casa e saber tossir e espirrar com o cotovelo para protegermos os outros. E, portanto, toda a política que se construiu à volta do vírus tecnológico de 2020 não foi a melhor! Foi horrível! Em alguns ordenamentos foi um terror! Foi um terror tecnológico! Se não fosse o Sistema Perfeito andávamos todos aí hoje com os óculos de realidade virtual aumentada. Assim, anda só quem quer. Andávamos todos com drones a voarem por cima de nós desde que saíssemos de casa. Assim, anda só com um drone por cima de si, quem quer. Temos esta liberdade tecnológica em 2080. Em 2020 ela foi nos tirada. [...] Os drones tiraram-nos a liberdade. A praia à frente da casa do Jakob na Costa de Caparica não andava a ser sobrevoada por drones, mas outras andavam. (...) Os drones não podiam voar quando o governo andava a fazer muito mal decretos. (...) Porque o decreto que o governo fez à pressa para declarar o Estado de Emergência, por causa do vírus tecnológico de 2020, foi muito mal feito! Então [...] não se podia caminhar, mas podia-se correr? As pessoas andavam a caminhar com medo na rua, porque não sabiam se podiam caminhar ou se só podiam estar na rua se estivessem a correr... Parecia que estávamos numa tropa... Eu próprio que caminhava, quando via a polícia numa esquina de longe começava a correr, para passar pela polícia a correr, porque eu sabia lá se eu passasse a caminhar a polícia iria abordar-me, iria recomendar-me a ir para casa, quando eu queria era subir a montanha? Podia-se andar de trotinetes, porque as trotinetes não eram intercetadas, mas não se podia caminhar? Os “passeios higiénicos”, a expressão mais feia de todas,



tinham de ser realizados à frente de casa? Mas se eu não tivesse uma montanha à frente de casa e precisasse de andar meia hora até à montanha, não podia, porque só podia estar meia hora na rua, por causa do vírus tecnológico de 2020? Isto não era para rir, porque isto estava a afetar mesmo a nossa realidade. [...] O problema do Direito é que quando é mal feito não tem piada nenhuma, porque o Direito tem a força para regular as nossas vidas. É por isso que o Direito só vale, se for bem feito! Tem de ser bem feito! As esferográficas que escrevem os novos códigos têm de estar em boas mãos como nas mãos d'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. [...] E quem tinha uma praia à frente de casa como o Jakob e estava habituado a ir sempre à praia e com a praia fechada onde é que ia ser feita agora a “higiene mental” dos amantes de praia? E os surfistas? Tinham de estar enclausurados a verem ondas na Internet? Isto era o que o mercado queria, que enfiássemos todos os óculos de realidade virtual aumentada. Mas nem eu nem o Jakob queríamos óculos nenhuns de realidade virtual aumentada! O Jakob estava a viver com a mãe na Costa de Caparica. (...) O que aparecia no sistema informático é que a morada do Jakob era na Costa de Caparica e que por isso, numa altura de confinamento obrigatório, em que as estradas tinham sido bloqueadas e só se podia circular com alguns fundamentos, como trabalho, ele não podia vir (...) namorar-me. Mas ele telefonava-me e contava-me o que se passava do outro lado. Contou-me que um miúdo passou as grades da praia para fazer exercício físico (...) e que um vizinho dele começou a gritar da janela para o miúdo que estava na praia a fazer exercício (...)sair imediatamente dali. O miúdo não lhe ligou nenhuma e o vizinho dele desceu do prédio e a chamar nomes arrancou o miúdo da (...) praia, porque a praia tinha sido fechada e o miúdo “não podia estar ali”. Depois quando as praias abriram, o Jakob voltou ao surf dele e contou-me que a namorada de um amigo dele surfista tinha sido expulsa pela Polícia Marítima, porque estava deitada ao sol na toalha e não podia, porque tinha de estar “a circular” na praia, não podia estar parada, sentada, deitada na toalha “a fazer praia”. (...) Podia ser eu ali na toalha

sentado a ver as manobras do Jakob, e a pensar como era lindo o Jakob (...) a sair da água com os músculos a quererem rasgar o fato de surf e a Polícia Marítima a não querer saber se eu era ou não o namorado do surfista e se eu quisesse muito estar ali com o meu namorado também tinha de estar a fazer surf. Eu que fosse aprender a fazer surf. Ou eu que fosse comprar uma prancha de surf, se quisesse, que sempre dava para disfarçar, que foi o que me disse a Polícia Marítima, mas “por outras palavras”... Estando o Jakob na Costa de Caparica (...) o Jakob enviou-me um maravilhoso piquenique, não por drones, mas através do Mike. (...) os meus anos foram passados com o Mike. O Jakob enviou a lista de compras ao Mike e enviou-lhe o dinheiro através do MB Way, que era como nós enviávamos dinheiro uns aos outros. Tínhamos a conta do cartão bancário associado ao número de telefone, então era só (...) enviar dinheiro para o número de telefone de um amigo e o dinheiro chegava (...). Nós já tínhamos todas as tecnologias rápidas e toda a Internet das Coisas, para quê ligarmos mais coisas, para quê instalar antenas 8G altamente cancerígenas e envolvermo-nos numa deprimente radiação eletromagnética poderosíssima que se agarra e quer ligar a cada ponto elétrico dos nossos neurónios?? [...] A agenda do 5G voltou e é a mesma em 2080 exatamente igual quando apareceu em 2020. A agenda não vai parar! A publicidade não vai parar! O mercado está a pressionar o Direito há mais de 60 anos!!!! (...) E enquanto nos proibiam de sair de casa e silenciosamente iam abatendo árvores e instalando antenas 5G, eu e o Mike fomos às escondidas da polícia para o Jardim dos Idílios fazer o maravilhoso piquenique que tinha sido encomendado pelo Jakob para comemorarmos os meus anos... E amigos meus, os verdadeiros, que sabiam perfeitamente como eu era e que respeitavam a minha liberdade de eu não querer estar ligado à Internet nem querer fazer videochamadas nem querer tornar o meu piquenique nem os meus anos [n]um momento tecnológico, porque não era momento nenhum tecnológico para ser partilhado na *Rede*, mas sim um momento íntimo para ser partilhado na intimidade de quem estava presente, simplesmente telefonaram-me, e

não se puseram com ideias de (...) videochamada para mostrar o maravilhoso piquenique e a privilegiada vista que dali tínhamos sobre (...) o Jardim dos Mochos, o Jardim das Corujas, o Caminho das Corujas e o Caminho dos Mochos. Mas também tive amigos que se atreveram a implorar para que fizesse uma transmissão de vídeo daquele meu íntimo momento com o Mike, da comemoração dos meus 28 anos, naquele idílico Jardim dos Idílicos. (...) Fiz tantos inimigos nesta altura... Mas eu quis lá saber! Eu já tinha os meus amigos! Por isso, podia ter e fazer inimigos à vontade! O Mike acompanhava-me sempre nas caminhadas quando o Jakob não estava. E disfarçados com os fatos de treino, montávamos os maiores *sketchs*, (...) que enchiam o nosso espírito de felicidade em plenas montanhas onde víamos e aprendíamos a rotina das patrulhas da polícia... Vendemos muitos dos nossos *sketchs* à Jupiter Editions sob a forma de *podcasts* (...) Foi o mercado que quis isso! E nós, simplesmente participámos no mercado. Fomos chamados pelo mercado a participar. E aceitámos o convite. Mas nem por isso, a nossa amizade se tornou comercial, porque não deixámos o mercado comercializar a nossa amizade. Nós comercializámos aquilo que nós quisemos comercializar. E recebemos obviamente por isso! Não andámos a mostrar a nossa voz e a sermos engraçados à toa, não! O nosso teatro tinha um preço! (...) É claro que, muitos Member Readers puderam ouvir os nossos *podcasts* “à borla”, mas era a vantagem de ser um Member Reader da Jupiter Editions. Muitos ouviram-nos à borla, porque tinham jupits. Num mundo económico como o nosso, as vantagens em ser um Member Reader da Jupiter Editions tinham de ser imensas. (...)

(...) a Jupiter Editions pagava aos entrevistados no seu sistema justo de *royalties*. Se eram 5 entrevistados, seria com esses 5 que a Jupiter Editions iria dividir os lucros da edição. Sempre foi isto que a Jupiter Editions fez. As palavras custam dinheiro. São muito valiosas. (...) E quem diz palavras escritas, diz palavras ditas. Há milhões que saem pela boca, só de se falar 1 minuto. Em 1 minuto, podemos ver milhões a

saírem pela boca. [...] Se o *Big Data* estava de olho e ouvidos naquilo que dizíamos, então, era urgente, também, nós vermos o que saía dentro de nós. Foram milhões de *podcasts* parar ao Big Data. Milhões. E milhões sem receberem 1 tostão. A partir de 2020 foi o ano dos *podcasts*. Toda a gente fazia *podcasts*. Toda a gente queria fazer *podcasts*. Toda a gente queria que toda a gente ouvisse as suas piadas. Toda a gente queria que toda a gente soubesse que tinha piada. Porque toda a gente tinha piada. Toda a gente tinha piadas para fazer. Toda a gente tinha piadas por dizer. E com a piada que foi do vírus tecnológico, toda a gente tinha piadas para fazer sobre o vírus. E eu e o Mike tínhamos tantas. Fizemos tantas piadas com o vírus. Tínhamos de fazer piada. Tornar o vírus numa piada, era uma forma de o combatermos. Vi o vírus a ir parar ao mercado. Vi o vírus a fazer xeque ao meu sistema imunitário. E eu sabia que o meu sistema imunitário ficaria mais forte, se eu fizesse piadas, se eu me expressasse. (...) Toda a gente se começou a expressar. Parece que o vírus tecnológico fez as pessoas começarem a expressarem-se. Coitadas, com o confinamento obrigatório, elas deram em doidas e começaram a fazer vídeos a partir de casa. Olhem; e eu assim que ouvi que os robots-escritores já estavam a caminho, também comecei a expressar-me. Comecei a escrever sobre tudo o que estava a acontecer. Havia pessoas a mostrarem a sua casa. Toda a gente que tinha piscina, começou a mostrar a sua piscina. E online, com os seus amigos também com piscina, cada um na sua piscina, mas em cima de uma boia com o tablet conectados à Internet, conversavam sobre coisas sem jeito nenhum, sem piada nenhuma e transformavam essas conversas online em miseráveis *podcasts*. Foram piscinas e piscinas online que eu não vi. Eu não via nada disso, nem ouvia *podcast* nenhum. Não precisava de ouvir. O Mike contava-me tudo o que se passava online. Mesmo estando offline, eu sabia o que se passava online. Se me perguntarem se eu queria mesmo fazer *podcasts*, eu digo-vos que não queria. Mas se eu sabia que agora era isso que estava na moda e (...) eu já imaginava, (...) um tio meu ou um amigo qualquer a trazer-me o *podcast* para a frente dos olhos, a ensurdecer-me

os ouvidos, eu já sabia que teria de levar com o *podcast* alguma vez na minha vida. Ora, a única forma de eu combater isto, era entrar na onda. Eu não ia ficar a ouvir os *podcasts* dos outros. Não ia ficar a ouvir o que os outros estavam a dizer, porque eu nunca quis saber o que os outros diziam, se eu não os conheço de lado nenhum; somos bilhões! Entre conversar com o meu namorado ou ficar a ouvir com o meu namorado uma conversa não sei de quem que se está a rir não sei com quem, preferia sempre ficar a conversar ou ficar em silêncio com o meu namorado. O silêncio, muitas vezes, vale ouro. E em tempos de gritaria em que toda a gente quer gritar aos algoritmos, o silêncio é que vale ouro! Ficar em silêncio, para dar o palco merecido à nossa voz pode valer ouro. Ficar a ouvir a voz de alguém que não conheço? Ainda por cima sem palco nenhum? Sem sentir palco nenhum? Com quem nunca tinha tido tato? Isto era estranho para o meu espírito. Estar a ouvir alguém a divertir-se? Quando eu gostava também de me divertir? Estar a ouvir alguém a viver? Quando eu gostava também de viver? E, ou eu fazia um *podcast* com o Mike, ou o Mike vinha com um *podcast* enfiado com os phones nos ouvidos. [...] Mike apanhou o vírus tecnológico. E eu tive de ser empático até para isto. Tive de saber ver isto com empatia. Olhar para o mercado empaticamente, confesso que não é fácil... Tive de simplesmente entrar na onda. Eu não queria. Eu por mim, fazia um teatro à porta fechada para o Jakob, para a Sarah, para o Thiago, para o Mike... E pronto, estava feliz da vida! Era assim que eu seria feliz! Mas se eu queria fazer da minha vida um teatro, porque eu via que a minha vida era um autêntico teatro, eu tinha de cobrar pelo teatro. Mas eu não ia cobrar aos meus amigos pelos teatros. Porque os meus amigos faziam parte do meu teatro. Tinha de cobrar ao público. Tinha de ter público. E lá tive de abrir as portas ao público. Tive muito medo. Quando abri, a primeira vez, parecia que já o tinha feito noutra vida. Aquele abrir as portas ao público, pela primeira vez, foi-me familiar. E foi-me familiar, porque eu abri a um público familiar. Abri aos Member Readers. Só os Member Readers podiam entrar no meu teatro, porque só os Member Readers é que se iam rir dos meus teatros.

Eu confesso, eu tinha medo de ninguém se rir dos meus teatros. [...] Tinha um filme de terror instalado à frente dos meus olhos, de me ver num palco com a sala cheia e ninguém a rir-se daquilo que eu dizia... [...] O Mike vivia num prédio. Quando éramos pequeninos, com 7, 8 e 9 anos fazíamos muitos serões nas escadas do prédio dele. Os vizinhos conheciam-nos, porque nós falávamos sobre tudo no prédio. Mas éramos crianças e não percebíamos isto. Os vizinhos conheciam-nos, porque nos viam das janelas a brincar na praceta. Mas éramos crianças e não víamos os vizinhos a verem-nos. O prédio do Mike ficava numa praceta. Saímos da praceta, da praça da vida real, mas nem por isso os vizinhos nos deixaram de ver. Continuaram-nos a ver na praça virtual, através da *Rede*. Tive dois dias muito assustadores. Foram anos e anos sem ver os vizinhos do prédio do Mike. Havia a Joaninha que tocava clarinete e que vivia no Rés do Chão. Havia a Inês no outro Rés do Chão que tocava harpa. Havia a Sílvia no terceiro andar que tocava saxofone. A Inês, a Joaninha e a Sílvia desligaram-se de mim e do Mike. Desligámo-nos. Cada um seguiu o seu mundo paralelo. O Mike nunca mais soube nada delas, quando saiu do prédio. E sabíamos, pela praça virtual, que elas também já não se davam de maneira nenhuma. Pois, um dia encontrei a Dina, a mãe da Sílvia, a sair de um carro à frente do banco e a chamar-me “genro” como se nos tivéssemos visto na semana passada. Não nos víamos, pelo menos há 5 anos. A Dina chamava-me “genro”, porque acreditava que eu e a Sílvia nos iríamos casar. Saiu do carro também a Sílvia, a sorrir-me tristemente, porque o pai dela tinha morrido e ela só tinha vindo da Escócia (...), por causa do velório do pai. Quando saí de ao pé da Sílvia e da Dina, logo no quarteirão a seguir vi a Joaninha. Nem sequer tive coragem de a chamar. Aquela estranha ligação de “Internet das Coisas” assustou-me. Fiquei assustado. Eu não via a Joaninha há mais de 10 anos! Virei esquina e vejo a Inês! Eu não via a Inês há uns 2 anos. E elas estavam completamente desligadas. Nós estávamos desligados. Não estávamos na *Rede*. Estávamos desligados da *Rede*. Isto não foi teatro nenhum. Foi a minha vida real. Se aquela praça real do centro histórico onde se passou este cruzamento espiritual de

dados tivesse na altura câmaras de vigilância que transformasse a praça real numa praça virtual e os vizinhos lá nas janelas virtuais vissem isto, descobririam como a vida real me assusta tanto.

— Se calhar, o tio estava no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak...

— Não estava, Thomas.

— Como é que o pai sabe?

— Porque sei. Tenho a certeza.

— Mas como pode ter o pai tanto a certeza?

— Porque eu consigo sentir a tecnologia dos teatros tecnológicos e eu não senti nada neste.

— Porque, se calhar foi um teatro muito bem feito.

— Não. Não foi teatro nenhum. Sabe que em 2020 ainda havia coincidências. Depois é que começaram a extinguir-se com as novas tecnologias que deram cabo da espiritualidade das coisas. Telefonei ao Mike e o Mike viu nisto também uma certa espiritualidade. Talvez, fosse *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom a dizer-nos que, ainda, não estávamos tão desligados uns dos outros. Sei lá. Muitos dos nossos serões no prédio do Mike acabavam em teatros. Estávamos sempre a fazer teatros. E uma vez, decidi organizar um teatro à séria. Com dia marcado e tudo. Com hora marcada e tudo. Organizei com 9 anos um teatro musical. Pus a Joanhina no saxofone, a Sílvia na harpa e a Inês no clarinete. Nenhuma delas sabia tocar aqueles instrumentos. Parecia que ia correr mal. Mas era isso que fazia parte do teatro. Parecer que ia correr mal. Mas depois, numa dança improvisada os papéis organizaram-se e já estava tudo a tocar a música certa e esta afinação

teatral deu lugar a grandes gargalhadas que fizeram um eco tão grande no prédio que me arrepiaram para querer trazer mais gargalhadas para fora. E aproveitando o palco da comédia, trouxe intrigas de todo o prédio. Ninguém achou piada às intrigas que eu trouxe. O meu teatro estava a ir longe demais. Mas eu sabia lá com 9 anos o que era ir longe demais. Eu pensava que estava a fazer teatro para adultos que aguentavam intrigas. E aquelas intrigas eram para se rir. Era para os vizinhos rirem-se de si próprios. Mas eles não se riram. Uns começaram a subir as escadas do prédio e entraram em casa muito zangados a fecharem a porta de casa com muita força. Outros, que moravam nos prédios ao lado, simplesmente saíram do prédio. Eu fiquei traumatizado. Não queria que sássem zangados do meu teatro. Os vizinhos ficaram zangados com o meu teatro e eu fiquei zangado com os vizinhos por eles não terem percebido o meu teatro. Parece que não sabiam brincar. Deviam de ter ficado até ao fim! Se ficassem, iriam acabar por se rir. Não podiam sair a meio. Os adultos não sabem que saírem dos teatros das crianças a meio pode ser muito traumatizante para as crianças? É como se lhe cortassem as veias. Alguns dos vizinhos tornaram-se Member Readers e na praça comercial voltaram a ver-nos a mim, ao Mike, à Joanhina, à Sílvia e à Inês confortavelmente no teatro que a Jupiter Editions montou. E num teatro sério, lá consegui voltar a ouvir as gargalhadas que eu tinha ouvido a ecoar no prédio. Mas será que os meus teatros eram assim, afinal, tão sérios? Bom, se a minha vida era assim tão séria demais, que até os meus teatros para rir se tornavam às vezes tão sérios, era porque o assunto era sério. Era um caso de vida ou de morte. Porque eu morria, se não fizesse o que fiz. E eu não podia deixar o meu espírito morrer. Sabia que numa vida passada, que eu deixei para trás, me tinham cortado as veias. Não ia deixar que me voltassem a cortar as veias, só para o meu espírito morrer. Porque o meu espírito morreu. Claro, que morreu com 9 anos. Mas o espírito voltou. O espírito, às vezes, volta. Volta a viver. Volta a estar vivo. E se eu o sentia tão vivo dentro de mim, ia deixá-lo morrer? Se eu deixasse o espírito morrer, sabia muito bem que vinha uma



informática agarrar no meu espírito, informatizá-lo e descarregá-lo num qualquer outro teatro tecnológico. Até no teatro, eu via uma informática a querer capturar-me o espírito. Por isso, é que todos os meus teatros só funcionavam sem informática nenhuma, sem algoritmos, sem guiões, sem nada. Era tudo de improviso. Improvisei todo este teatro. Este teatro foi um verdadeiro imprevisto. Simplesmente aconteceu. Hoje, os teatros são tudo produto de uma Inteligência Artificial. Eu é que era a Inteligência Artificial de mim próprio. O guião era eu. E via o guião a aparecer em tempo real. Foi tudo em tempo real. E em tempo real, a minha vida estava presa a um sistema monetário de moedas que se criavam infinitamente na informática dos bancos. E eu não percebia nada de informática, nem de bancos. Sabia só que tinha sido informatizado. Que toda a minha vida tinha sido informatizada. Era só isto que eu sabia. Por isso, é que eu escapava tanto para as montanhas. Nas montanhas eu andava descalço, nu, despido de toda a sorte do teatro. Como eu gostava de ir compor *sketchs* para as montanhas...! Ou ia para as montanhas (...) dar beijinhos ao Jakob ou ia para as montanhas (...) cantar com o Thiago ou com o Mike. Eram esses os *sketchs* que eu escrevia nas montanhas. Ou ia cantar, “comigo”, as canções que o Jakob tinha composto para mim. E assim via as montanhas de todas as perspetivas.

— Tio, o que é feito desses *sketchs* que o tio compôs nas montanhas e das músicas que o Jakob compôs para o tio e que o tio cantou nas montanhas?

— Entregámos (...) à (...) Jupiter Editions para um dia publicar. Tudo o que eu tenho escrito, tudo o que eu escrevi, ainda não divulgado, está tudo entregue à Jupiter Editions. A Jupiter Editions é a única editora que legalmente pode divulgar e publicar as coisas que eu escrevi. Não tinha tempo na altura, era muita coisa ao mesmo tempo que se estava a passar e eu também queria viver e divertir-me, não conseguia ser um polvo e ter mais do que 9 braços. Tive de fazer

muitas escolhas. [...] Tinha de haver tempo para escrever, tempo para trabalhar, (...) tempo para ir mandar mergulhos à praia (...) tempo para namorar, tempo para não me esquecer nunca de ver e viver, tempo para me lembrar sempre que para onde eu fosse o mais importante era viver, tempo e certeza que tinha de pôr a faculdade de lado, porque a Faculdade de Direito tinha-se erguido há anos e tão depressa não sairia donde se tinha erguido, tempo para ver as tecnologias todas a instalaram-se à minha volta, tempo para ver como o Direito estava a olhar para as coisas que se estavam a instalar à minha volta, tempo para conhecer a minha própria Internet das Coisas e ver que coisas é que se estavam a instalar e eram benéficas e quais é que eram pérfidas... Tempo para riscar ene restaurantes das minhas listas, porque estavam a ser vestidos e armadilhados com microfones e câmaras. E tive de ter tempo para gerir o modo como o Direito estava a lidar com isto. O Direito obrigou-me a gerir tudo muito depressa. A gerir tudo sem gritos. O Direito ensinou-me a não gritar. A gerir tudo sem entrar em pânico. O Direito ensinou-me a não entrar em pânico. A gerir tudo muito calado. O Direito ensinou-me a estar calado! A gerir tudo em profundas respirações. O Direito ensinou-me a respirar. A respirar calmamente. A andar devagar, sem grandes pressas. E numa pressa minha, numa pressa minha muito silenciosa disfarçada de uma teatral calma minha, fui devagarinho, andando, analisando tudo e fui vendo uma matemática gigante a ser projetada em holograma pela minha mente. Era a minha mente que projetava tudo isto. E o meu cérebro dava-me prazos. Atribuía prazos a cada projeção que ia vendo que a minha mente ia projetando. E eu via o tempo sempre a correr. O meu cérebro punha-me a correr. E eu corria por causa do meu cérebro. Corria só para ele. Ninguém me viu a correr. Mas o meu cérebro viu-me a correr. E viu-me a correr por ele. Mas nessas correrias, também vi outros a correrem silenciosamente como eu corria. Eu vi-os a correr. Sem correrem, eu via-os a correrem. Porque eu fazia o mesmo. Sabia esticar-me ao sol e aproveitar-me do sol, sem sair da corrida. Todo aquele meu esticar ao sol ao pé deles, foram simples peças de teatro que

eu quis. Foram teatros em que eu próprio me meti. Eu vi os teatros. Vi todos os teatros. E vi como eles viam tudo a correr, mas sem correr, armados em atores, no maior teatro de todos, no teatro comercial. (...)

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) no dia 21 de outubro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

## Passa a Missão Jupiter Editions!

**Uma ~~M~~issão de Paz! Uma Escrita pela Paz!**



**JUPITER  
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste  
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não  
deixar o espírito deste  
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor  
para o IBAN  
PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

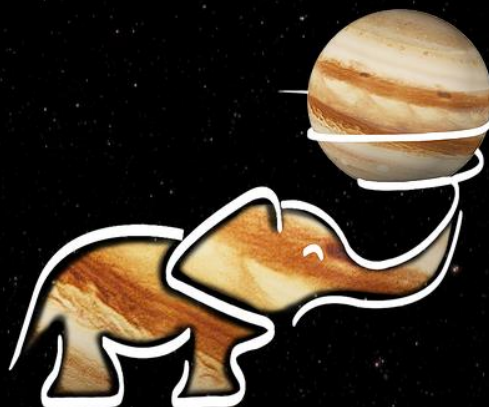
**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

## Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

[JUPITEREDITIONS.COM](#)



**JUPITER EDITIONS** [.COM](#)

Nota de edição: o conteúdo do presente demo é uma escrita implementada que foi acrescentada entre setembro e outubro de 2021 pelo autor à versão original da obra durante a sua visita de trabalho à Praia dos Bodyboarders.

O autor aumentou a versão original logo depois de entregar a obra à Jupiter Editions. Tal teve que ver com o Estado de Emergência que foi declarado pelo Governo, levando o autor a produzir uma nova escrita e que por estar ligada ao que já tinha sido escrito, o autor decidiu adicionar a nova escrita à versão original da obra 2080. Em junho o autor celebrou um contrato de trabalho com uma empresa sediada no concelho da Praia dos Bodyboarders. Tal levou a uma nova produção de escrita durante a sua visita de trabalho à Praia dos Bodyboarders que foi fechada definitivamente em outubro de 2021.

A Jupiter Editions e o tradutor da obra 2080 para castelhano aceitaram sempre os novos acrescentos em tempo real da obra, colaborando sempre com o autor e apoiando-o.

O conteúdo da presente obra integra a exclusiva 1ª Ordem da 1ª Edição do Primeiro Plano Editorial da Jupiter Editions só existindo atualmente na 1ª edição de luxo dos 6 exemplares de 2080 que foram impressos à porta fechada. Os Member Readers com 27 jupits ou autorizados pelo autor poderão consultar a 1ª Ordem da 1ª Edição de 2080 de Antoine Canary-Wharf no Jupiter Editions Museum e em especial o presente conteúdo na sua integridade. Nos trabalhos de Carpintaria de 2080 de Antoine Canary-Wharf pelas Regras do Jogo da 1ª Ordem da 2ª Edição anunciadas online no site da Jupiter Editions na zona de Gaming & Puzzling, sabendo-se que Antoine Canary-Wharf poderá diminuir a obra de 930 páginas até 400 páginas, não se espera que o autor inclua o conteúdo do presente demo para a 1ª Ordem da 2ª Edição. Esta tese é uma tese da Jupiter Editions e não do autor, podendo a tese estar completamente errada e verificar-se que o presente conteúdo foi incluído pelo autor na 1ª Ordem da 2ª Edição. 21/10/2021

